

EXODUS:

Deslocamentos na literatura, no cinema e em outras artes

EXODUS:

Deslocamentos na literatura, no cinema e em outras artes

Daniela Birman
Francisco Foot Hardman
(Orgs.)



© Relicário Edições
© Autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

E96

Exodus: deslocamentos na literatura, no cinema e em outras artes / organizado por Daniela Birman, Francisco Foot Hardman. - Belo Horizonte, MG : Relicário, 2020.

244 p. : il. ; 15,5cm x 22,5cm.

Inclui índice e bibliografia.

ISBN: 978-65-86279-05-4

1. Teoria e crítica literária. 2. Artes. 3. História cultural. 4. Deslocamentos.
I. Birman, Daniela. II. Hardman, Francisco Foot. III. Título.

CDD 809

2020-994

CDU 82.09

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM)
Ernani Chaves (UFPA)
Guilherme Paoliello (UFOP)
Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)
Luiz Rohden (UNISINOS)
Marco Aurélio Werle (USP)
Markus Schäffauer (Universität Hamburg)
Patrícia Lavelle (PUC-RIO)
Pedro Süsskind (UFF)
Ricardo Barbosa (UERJ)
Romero Freitas (UFOP)
Virginia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO Ana C. Bahia

CAPA E DIAGRAMAÇÃO Caroline Gischewski

REVISÃO Lucas Morais

REVISÃO FINAL Laura Torres

RELCÁRIO EDIÇÕES

Rua Machado, 155, casa 1, Colégio Batista
Belo Horizonte, MG, 31110-080
relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

SUMÁRIO

**Exodus, suas pesquisas e seus encontros:
uma breve apresentação** 7

REFUGIADOS, DESLOCADOS E SILENCIADOS

Onde fica mesmo o centro?

Deslocamento de paradigmas culturais na era dos refugiados
Francisco Foot Hardman 17

**Deslocamentos marginais na China contemporânea
nos filmes de Jia Zhangke**

Camilo Soares 33

Justiça, injustiça, desobediência:

O processo Maurizius, de Jakob Wassermann
Mário Luiz Frungillo 47

PERCEPÇÕES E PRODUÇÕES CULTURAIS EM TRÂNSITO

Êxodo e tradução:

a literatura russa no Brasil e na Argentina
Bruno B. Gomide 61

Literatura brasileira oculta:

tradução e recepção de Jorge Amado na China
Fan Xing 77

Percepções ambientais em trânsito na América Latina

Ana Silvia Andreu da Fonseca 91

Confissão, autoficção e testemunho:

literatura e invenção de si
Daniela Birman 121

MARGINALIDADES POLÍTICAS, SOCIAIS E ÉTNICAS

O anti-herói na ribalta

Vera Maria Chalmers **141**

Pernas tortas:

desejo e deambulação na ficção de João Antônio
Bruno Zeni **157**

Mulheres em tempos sombrios:

tortura e aprisionamento feminino nas ditaduras do Brasil (1964–1985)
e de Portugal (1926–1974)
Lisa Carvalho Vasconcellos **175**

Trauma, escravidão, preconceito e violência no discurso literário de Luiz Silva, em *Negros em Contos* (1996)

Marcela da Silva / Ricardo André Ferreira Martins **193**

Transarte Brazil:

diversidade, acessibilidade; arte, reflexão
Marília Gabriela Malavolta Pinho / Maria Helena Peres de Oliveira **225**

Sobre os autores 239

EXODUS, SUAS PESQUISAS E SEUS ENCONTROS: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado do primeiro colóquio organizado pelo **Exodus – Núcleo de Estudos sobre Produções Culturais Extemporâneas e Excêntricas na Era dos Extremos**, realizado nos dias 1 e 2 de agosto de 2019 no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Instituído na virada de 2018 para 2019, o **Exodus** se propõe a pensar os abalos – no campo das artes em geral e da literatura em especial – provocados por um duplo processo de exclusão, envolvendo tanto os grupos de deslocados internos e externos em relação à atual conjuntura da globalização quanto as minorias já apagadas pelo moderno projeto de Estado-nação. Segundo temos sustentado em nossos cursos, encontros e pesquisas, esse duplo e conflituoso processo coloca uma série de questões aos paradigmas usuais da história literária, da própria definição do conceito de literatura e, em sentido mais geral, de arte. Para mais informações sobre o núcleo **Exodus**, é possível consultar a página dos grupos de pesquisa do IEL-Unicamp (<https://www.iel.unicamp.br/br/pesquisa-no-iel>).

De fato, o atual período do capitalismo financeiro globalizado é marcado pelo abalo das representações políticas tradicionais, abalo que não pode ser desvinculado dos efeitos gerados no campo cultural, tais como o questionamento da legitimidade da representação literária e artística e o surgimento da demanda pela autorrepresentação de minorias diversas, ou mesmo maiorias silenciadas. O estudo das relações entre essas duas crises da representação, assim como das suas contaminações e tensões, constitui questão fundamental para o projeto do **Exodus**. Torna-se, assim, de grande relevância o exame sobre como essas crises da representação colocam em xeque conceitos-chave do nosso campo literário, tais como o de história literária nacional e seus cânones, literatura nacional e, em última instância, a própria noção de literatura moderna e contemporânea, entendida como legítima em sua capacidade de representar e dar voz ao outro.

Considerando o quadro aqui esboçado, acreditamos, pois, ser fundamental articularmos pesquisas relativas às produções de/sobre esse crescente número de deslocados e refugiados, assim como examinarmos e debatermos as questões teóricas e historiográficas colocadas por essas transformações e embates dos campos histórico-político e artístico-cultural. Nesse sentido, organizamos as pesquisas realizadas no grupo em quatro linhas de estudo. São estas: 1) **Conflitos interculturais** (exame de como diferentes linguagens literárias e artísticas, que emergem como “marginais”, relacionam-se com formas e tradições culturais dominantes); 2) **Diversidades espaciais e temporais** (análise das particularidades regionais, em oposição à padronização homogeneizante do capitalismo globalizado); 3) **Fendas e divisões das construções nacionais** (discussão do tema das diversidades sob o enfoque da dominação étnico-racial; do drama atual dos refugiados; da desigualdade de gênero, entre tantas outras); 4) **Refugiados em seu próprio país** (reflexão em torno das diversidades e das desigualdades sociais e regionais, que percorre, por exemplo, o debate sobre as relações campo-cidade, a luta dos sem-terra e dos sem-teto).

Nem é preciso enfatizar, por ter se tornado tragicamente evidente, que a crise mundial desencadeada, neste início de 2020, pela pandemia do coronavírus vem aumentar a urgência de pesquisas conjuntas e fóruns de debates que possam aprofundar a busca de paradigmas transculturais e novas formas de cooperação. Isso deve valer tanto no plano interinstitucional quanto, sobretudo, no das relações da universidade com a sociedade, especialmente com as grandes massas de “barrados no baile”, no sentido de encarar os desafios enormes que o novo período histórico lança para as atuais gerações empenhadas numa educação pública que possa ser efetivamente transformadora.

Apresentados acima de modo sequencial, esses quatro eixos temáticos atravessam e se mesclam de modos distintos ao longo dos estudos reunidos neste livro. Nesse contexto, na primeira seção da antologia, intitulada “Refugiados, deslocados e silenciados”, predominam as pesquisas sobre a problemática dos refugiados (internos e externos) e das enormes diversidades espaciais e temporais.

Com efeito, no primeiro artigo do livro “Onde fica mesmo o centro? Deslocamento de paradigmas culturais na era dos refugiados”, Francisco Foot Hardman descreve o colapso sistêmico atravessado pelo mundo nas primeiras décadas do século XX, marcado pela marginalização social, pela expulsão em massa e pela degradação ambiental numa escala até então inimaginável, de tal modo que esse colapso não poderia ser pensado com base nos paradigmas usuais das ciências humanas. Após indicar a contribuição de três acadêmicas norte-americanas para a investigação desse colapso (Judith Butler, Elizabeth Povinelli e Saskia Sassen), Hardman parte para a análise de obras literárias e cinematográficas que representam o drama dos refugiados e/ou dos deslocados internos.

Já no artigo “Deslocamentos marginais na China contemporânea nos filmes de Jia Zhangke”, Camilo Soares se dedica a analisar a recriação da China atual nos filmes do renomado cineasta chinês, vencedor do Leão de Ouro no Festival de Veneza com *Em busca da vida* (2006). Soares nos mostra que, ao focalizar essa reconstrução espacial dos migrantes chineses, o diretor escreve a história não oficial do desenvolvimento econômico e técnico do seu país. Empenhando-se, pois, em retirar os chamados *mingong* (民工) – proletários chineses provenientes, em grande parte, do universo rural – da invisibilidade, o diretor lhes daria voz, rosto, assim como representaria sua subjetividade. Braços do desenvolvimento chinês, do qual são personagens menores, anônimos e em geral esquecidos, esses homens e mulheres, quase sempre jovens, trabalham, pois, na destruição da paisagem na qual viveram.

Se Soares examina, na obra de Zhangke, as diversidades regionais da China, assim como o movimento de metamorfose violenta do antigo mundo rural, o artigo de Mário Luiz Frungillo focaliza a coexistência de diferentes temporalidades na antiga República de Weimar (1919–1933). Com efeito, ao analisar o extenso romance *O processo Maurizius*, de Jakob Wassermann, Frungillo expõe como os conflitos entre diferentes valores e visões de mundo e a permanência de instituições provenientes do Império Alemão, defendidas de modo feroz por seus ocupantes, nos auxilia a compreender a derrocada daquela República. De modo extremamente sutil, o

crítico também identifica no livro possíveis associações que poderíamos traçar com a futura lógica da “banalidade do mal” (Hannah Arendt), que se infiltraria nas instituições e na sociedade.

Na segunda seção do livro, por sua vez, predominam estudos relativos aos diálogos, transferências, embates e transformações culturais e interculturais. Assim, no primeiro artigo, “Êxodo e tradução: a literatura russa no Brasil e na Argentina”, o especialista em literatura e cultura russa Bruno Barreto Gomide se detém no papel da emigração eslava, báltica e judaica na difusão da literatura russa no Brasil e na Argentina entre as décadas de 20 e de 60 do século passado. Será, pois, apenas a partir desse período, após a Revolução Russa de outubro/novembro de 1917, que esses emigrantes ganhariam papel de peso na circulação da literatura russófona, embora já estivessem presentes no sul do nosso continente desde o fim do século XIX. “Falar de literatura russa significava, a partir de então, falar de Revolução Russa. Das tradições literárias consagradas, a russa foi a mais visada por políticas repressivas desenvolvidas em diversos momentos da história política do Brasil e da Argentina”, resume o autor.

No estudo seguinte, Fan Xing, professora de literatura brasileira da Universidade de Pequim, trata da difusão da literatura e cultura brasileiras na China. Com efeito, em “Literatura brasileira oculta: tradução e recepção de Jorge Amado na China”, a pesquisadora examina o contraste entre o número de traduções do escritor baiano no país e o seu impacto literário. De fato, como ela nos mostra, embora tenham sido publicados mais de 20 títulos de Jorge Amado na China desde 1953, o que o torna o autor latino-americano mais traduzido no país, sua influência literária é menor do que a de escritores como Neruda, Cortázar e García Márquez.

A migração e o trânsito entre regiões podem impulsionar não apenas a difusão da literatura ou cultura letrada de origem, mas a transformação da percepção ambiental daquele que se desloca territorialmente. Essa é a temática analisada pela pesquisadora Ana Silvia Andreu da Fonseca por meio de pesquisa de caráter qualitativo realizada com um grupo de estudantes latino-americanos não brasileiros da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), instituição na qual é professora.

Assim, em “Percepções ambientais em trânsito na América Latina”, a autora examina os dados e os casos levantados pelo seu estudo, expondo as correntes predominantes nas visões dos problemas ambientais dos estudantes entrevistados, seja em relação ao Brasil, seja em comparação com o seu país de origem.

Por fim, ainda nesta seção, outra transformação cultural em andamento é enfocada: aquela relativa à atual expansão de diferentes modelos de escrita de si, tais como o testemunho e a autoficção, em comparação com o antigo modelo da confissão autobiográfica. De fato, em “Confissão, autoficção e testemunho: literatura e invenção de si”, Daniela Birman propõe o exame entre diferentes modelos de escrita do *eu*, buscando entender quais formas de subjetivação são impulsionadas por esses discursos. O artigo toma como fio condutor o confronto entre dois textos bastante diversos: a carta autobiográfica de Patrícia Galvão, publicada em *Paixão Pagu* (2005), e o romance autoficcional *Divórcio* (2013) de Ricardo Lírias.

A última seção do livro reúne artigos sobre produções nas áreas da literatura, do cinema e das artes plásticas que desafiam os modelos hegemônicos, homogeneizadores e/ou normativos que atuam na construção da identidade nacional, em especial no Brasil, mas também em Portugal. Como podemos facilmente supor, é possível identificar, nos estudos que a compõem, a articulação da problemática das divisões e fendas expostas na edificação do Estado-nação com aquela dos deslocados internos, minorias marginalizadas pela “cultural nacional” e pela ordem econômica desigual. As produções nela analisadas criam oposições e brechas em campos diversos, como aqueles da política, da ética, das lutas antirracistas e das afirmações identitárias.

Intitulada “Marginalidades políticas, sociais e étnicas”, a seção tem início com o artigo “O anti-herói na ribalta”, de Vera Maria Chalmers, professora fundadora do IEL-Unicamp, que vem se dedicando à produção literária de cunho anarquista, em especial no Brasil da Primeira República. De fato, nesse texto a autora se debruça sobre dois títulos de autoria do escritor libertário mineiro Avelino Fóscolo: a novela *No círculo* e o romance *O jubileu*. Propondo uma leitura cerrada das obras, Chalmers destaca as

ligações e a continuidade existente entre elas, assim como a sua autonomia, contribuindo com a inclusão da literatura anarquista numa história literária que não pode se deixar restringir por filtros excludentes.

O artigo seguinte é dedicado a outro escritor cuja produção desafia os valores burgueses: João Antônio, autor do memorável livro de contos *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963) e de muitos personagens malandros e boêmios da prosa urbana brasileira da segunda metade do século passado. Nele, o pesquisador Bruno Zeni, autor do livro *Sinuca de malandro: Ficção e autobiografia em João Antônio*, percorre um conjunto significativo de contos – publicados em livro desde a estreia do autor, em 1963, até o ano de sua morte, em 1996 – articulando a hibridez de gêneros explorada por ele, e intensificada com o tempo, à temática da errância dos seus personagens. Como Zeni nos mostra, “o caráter erradio contamina a própria escrita de João Antônio, que, nos últimos anos de sua vida, por diversos motivos, adquiriu ou sublinhou o caráter compósito de sua prosa”.

A violência e a resistência política sob a ótica feminina são tema do artigo “Mulheres em tempos sombrios: tortura e aprisionamento feminino nas ditaduras do Brasil (1964–1985) e de Portugal (1926–1974)”, de autoria de Lisa Carvalho Vasconcellos, pesquisadora que vem se dedicando à escrita do cárcere no Estado Novo salazarista português e nas duas ditaduras atra- vessadas pelo Brasil no século XX. Já nesse artigo, ao se debruçar sobre a voz e o discurso das mulheres relativos à prisão e à tortura no regime fascista português e na ditadura militar brasileira, Vasconcellos traça interessante paralelo entre os filmes *Que bom te ver viva* (1989), da brasileira Lúcia Murat, e *48* (2009), da portuguesa Susana Sousa Dias, obras que mesclam ficção e documentário.

Nos dois últimos textos do livro, outras minorias e outras violências são abordadas. Em “Trauma, escravidão, preconceito e violência no discurso literário de Luiz Silva, em *Negros em Contos* (1996)”, Ricardo André Ferreira Martins e Marcela da Silva analisam a referida obra da literatura negro-brasileira contemporânea. Destacam, nas narrativas reunidas no livro, o processo de afirmação do “eu negro” e seu vínculo ao trauma produzido pela escravidão na nossa sociedade. Conhecido pelo pseudônimo literário

que adotou – Cuti –, Luiz Silva, poeta, prosador, ensaísta e ativista, foi um dos fundadores do coletivo cultural *Quilombhoje* e da série de antologias *Cadernos Negros*, nos anos de 1970, marco na luta do movimento negro contra a ditadura militar. Funcionário técnico-administrativo da USP, é mestre e doutor em teoria e história literária pelo IEL-Unicamp.

Por fim, em “Transarte Brazil: diversidade, acessibilidade; arte, reflexão”, as autoras Marília Gabriela Malavolta Pinho e Maria Helena Peres de Oliveira nos introduzem ao trabalho combativo da galeria Transarte, localizada na Vila Madalena, em São Paulo. Fundada por Peres de Oliveira há dez anos, a Transarte desde então tem realizado exposições e lançado editais direcionados para a problemática da diversidade – privilegiando a temática LGBTQ+ –, além de funcionar como um espaço de residência artística.

Pontapé inicial numa agenda urgentemente desafiante, cujas fronteiras e desdobramentos abrem-se à promessa de outros encontros, gostaríamos de agradecer às autoras e aos autores que colaboraram neste volume, cuja variedade de temas e enfoques é uma amostra parcial, mas por si só já notável, do que o esforço coletivo de resistência a tempos sombrios pode ser capaz de apresentar.

DANIELA BIRMAN e FRANCISCO FOOT HARDMAN

São Paulo e Pequim
(durante a quarentena de 2020)